

A estréia teatral de hoje: uma comédia que critica a poluição

DIGA 33 (E Veja Como a Poluição Mudou Nossas Vidas) — Comédia musical de Alípio César.

Montagem do Grupo Terra. Direção de Renato Saudino. Assistente de direção: Paulo de Paula. Iluminação de Wlad Castiglioni. Cenário e figurino de Renato Caseira. Letras e músicas de Alípio César. Participação do conjunto musical Vapor Mercúrio: Sérgio Schena, guitarra; Patrick Holliday, baixo; Pedro Holliday, teclados e George Holliday, percussão. Coreografia de Toni Príncipe. Produção geral de Alípio César e Alvim Barbosa. Co-produção da Cooperativa dos Jornalistas do Espírito Santo. Apoio cultural do Banestes, Fundação Ceciliano Abel de Almeida e vereadora Beth Osório.

Elenco: Renato Saudino, Alcione Dias, Paulo De Paula, Alvarito Mendes Filho, Alvim Barbosa, Geisa Ramos, Toni Príncipe, Marcel Cordeiro, Vania Fidalgo, Célia Sampaio e José Augusto Loureiro.

Estréia hoje, no Teatro Carlos Gomes, a peça que venceu o último concurso de dramaturgia promovido pelo Departamento Estadual de Cultura-Prêmio Cláudio Bueno Rocha. **Diga 33** fi-

cará em cartaz até o dia 21, sempre de quinta-feira a domingo.

“Se você está em depressão, não consulte a cartomante, nem pague ao psicanalista. Diga 33 e venha se divertir com a gente”. Esse é o slogan da peça, que define bem sua proposta. O autor, Alípio César, jornalista de **A GAZETA** entre 1973 e 76, trabalha hoje como médico-pneumologista e está fazendo sua estréia no teatro. Ele afirma:

— Estrear no teatro capixaba tem sido pra mim de muito prazer e, também, de muita batalha, porque estou fazendo a produção. Ao lado do enorme prazer de estar fazendo um texto que gostei de ter escrito e o elenco, parece, estar muito satisfeito de estar trabalhando, temos encontrado muitas dificuldades em relação ao apoio das empresas do empreendimento.

Alípio conta que sua experiência como jornalista foi

importante para aperfeiçoar seu texto, com frases mais curtas, econômicas. Diz que optou pela comédia por uma identificação pessoal: “A comédia também engloba os elementos trágicos. É uma visão que tenho da vida, só que as situações mais sérias e trágicas são vistas pelo prisma da comédia como se o mundo fosse uma pilhéria”. O autor concordou com a definição de farsa musicada que foi conferida ao texto pela comissão julgadora do



Foto de Nestor Muller

Foto de Joaquim Nunes



O elenco da comédia Diga 33, de Alípio César, um autor estreante

concurso do DEC: “Essa opinião foi de Caíque Botkay (representante do Instituto Nacional de Artes Cênicas na comissão), que foi uma pessoa importante pra mim. Ele não atuou sobre a elaboração do texto, mas me deu um estímulo muito grande no sentido de continuar, porque fiz essa peça mais como uma tentativa, não esperava esse resultado. Caíque praticamente não fez restrições ao texto. Ele sugeriu que eu não usasse **playback** no espetáculo e, sim, a música ao vivo”.

Alípio explica que sua peça não pode ser considerada como regional, apesar da inspiração em alguns personagens locais:

— Em alguns momentos, a direção incluiu algumas referências a Vitória, mas meu texto basicamente não tem citação local. Utilizei algumas experiências

pessoais para delinear os personagens e situações, mas preferi tornar mais universal, apesar de Caíque ter dito que, por mais universal que ela tenha sido, a inspiração do texto lhe pareceu bem regional.

Diga 33 tem três personagens principais: um cientista, uma prostituta e um gay. A vida dos três começa a se alterar com a instalação de uma indústria que começa a poluir o ambiente e eles então buscam uma saída para a situação, entrando em contato com a acupuntura, a psicanálise, o fanatismo religioso, feminismo, tudo isso contando de maneira bem cínica. Uma feminista chama-se na peça Delícia Guilherme: um militante do PT, Sacco Vanzetti de Oliveira.

Diz Alípio César:

— No meu texto ninguém é herói. São pessoas humanas, cheias de problemas e falhas, mas que defendem suas verdades, buscas e dúvidas até às últimas consequências. Não sendo tratados como heróis, esses personagens ficam mais próximos de sua verdade. Mas há um personagem, a enfermeira Isaura, que permanece digna até o fim, sem fazer concessões; essa achei que foi insubornável. Mas foi insubornável porque sua estrutura é de uma pessoa assim. O resto todo se transforma, faz concessões, muda. A visão de Isaura é mais digna; mesmo sendo conservadora, ela preferiu manter-se fiel a todas suas verdades e ficar no anonimato.